

ANOTACÃO

O MÉDICO E O MONSTRO

ANNOOSTRA



O MÉDICO E O MONSTRO

ROBERT LOUIS STEVENSON

Ilustrações de Kleber Santana

Tradução de Renan Amorim

TORÇILHAS
FABULOUS CLASSICS

O médico e o monstro

Copyright © 2025 Tordesilhas Fabulous Classics é um selo da Alaúde Editora Ltda., editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

ISBN: 978-65-5568-287-8

Translated from original Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde. Portuguese language edition published by Tordesilhas Fabulous Classics.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2023 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

s847m

1. ed.- STEVENSON, Robert Louis.
O médico e o monstro. / Robert Louis Stevenson;
tradução: Renan Amorim. Ilustração: Kleber Santanna.
- Rio de Janeiro: Tordesilhas Fabulous Classics,
2025.
256 p.; 15,4 x 23 cm.
Título original: Strange Case of Dr. Jekyll and
Mr. Hyde.
ISBN 978-65-5568-287-8

1. Literatura inglesa - Século XIX. 2. Romance gótico.
3. Clássico. 4. Literatura fantástica. I. Amorim,
Renan. II. Título.

CDD 823.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances em inglês do século XIX - 823.8

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhum parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal. O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Produtora Editorial: Luana Maura & Viviane Corrêa

Tradução: Renan Amorim

Copidesque: Nathalia Marques

Revisão: Denise Himpel

Aparato: Vera Moraes

Ilustrações: Kleber Santanna

Diagramação: Carol Dias

Capa: Beatriz Frohe



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



ASSOCIADO



PARA
KATHARINE DE MATTOS

É errado soltar os laços que Deus decretou que fossem atados;
Ainda assim, seremos filhos da urze e do vento.
Longe de casa, oh, ainda é por mim e por ti
Que as giestas floresçam belas nas terras do norte.

SUMÁRIO





Máscaras Sociais e Monstros Internos:
O Legado de Stevenson, VIII

Parte 1, **XX**

Parte 2, **92**

Parte 3, **162**

Sobre o Autor, **234**

~ MÁSCARAS SOCIAIS E ~
MONSTROS INTERNOS:
O LEGADO DE STEVENSON





Em algum momento você já teve a vontade de ser outra pessoa? Ou já conteve um sentimento, uma reação, apenas para corresponder às expectativas que recaem sobre quem você “deveria” ser? Pois bem, é desse conflito íntimo que se trata a obra de Stevenson. A psicologia contemporânea o nomeia de diversas formas: “falso self”, segundo Donald Winnicott; “conformismo social” ou “normopatia”, nos termos de Christopher Lasch e outros críticos da cultura moderna; ou ainda, o embate entre “autenticidade e normatividade”, tão explorado pela psicologia existencial. Essas diferentes teorias nos ajudam a compreender a dualidade presente em *O Médico e o Monstro*.

Com tom gótico e uma atmosfera opressiva, Stevenson constrói um cenário de decadência urbana: Londres envolta em névoa, becos escuros, portas trancadas e casas secretas. A estética gótica é reforçada por imagens de escuridão e tinta, criando um ambiente de suspense e terror psicológico. O conflito entre civilização e selvageria é a trama. A experiência do dr. Jekyll — e sua incapacidade de controlar sr. Hyde — revela que o mal não está “do lado de fora”, mas integra a condição humana. Para Jung, a persona é a máscara social que usamos para nos encaixar nas expectativas do meio, enquanto a sombra representa aspectos reprimidos do nosso inconsciente — desejos, impulsos e traços considerados inaceitáveis. Assim, Jekyll é a persona; Hyde é a sombra que emerge quando as amarras sociais se rompem.

Embora envolto em névoas e eventos assustadores, o horror de Hyde é humano — não sobrenatural, mas um “atavismo” científico, em sintonia às tendências góticas e darwinianas da época. Nesta obra, encontramos novamente, o tema ciência versus moralidade, como em *Frankenstein*. A poção de Jekyll representa a tentação da ciência moderna; ao separar suas facetas moralmente ambíguas, desencadeando o monstro dentro de si. O romance alerta para os riscos da investigação sem ética, mas também expõe a obsessão vitoriana pela reputação e a hipocrisia

social. A narrativa mostra a discrepância entre as aparências — casas respeitáveis versus becos degradados — e os recônditos ocultos que elas disfarçam.

Essa dualidade, que permanece tão atual nos dias de hoje, serviu de base para a construção de outros personagens famosos: Hulk e o Homem-Aranha, ambos com seus alter egos. O segundo, possui um alter ego mais positivo — ou, ao menos, não tão sombrio — enquanto o primeiro, é quase um segundo Jekyll e Hyde. Isso apenas confirma como este clássico se popularizou e continua tão interessante.

NARRATIVA

Entre a cortesia impassível de Gabriel Utterson e a violência ruidosa de Hyde, o romance se desenrola como um jogo de sombras — eventos narrados em saltos abruptos, cartas e depoimentos, como se cada voz fosse um fragmento de um espelho estilhaçado. A prosa avança com rigor clínico, mas deixa brechas por onde escapa o riso bestial e a ferida social encarnada por Hyde. Reflete essa fragmentação o tom breve, incisivo, quase em fragmentos; a construção de tensão por oposição: economia de adjetivos, silêncios, rupturas.

A narrativa se revela por meio de múltiplos pontos de vista — Utterson, Lanyon, Jekyll — em um estilo quase detetivesco. Com estrutura assimétrica, capítulos construídos a partir de relatos, cartas e diários, intensificando o mistério e permitindo ao leitor montar o quebra-cabeça da identidade de Hyde. Evita-se floreios, concentra-se no essencial: descrição precisa, padrões repetidos e contraste súbito, por exemplo: o horror de Hyde surge em meio ao cotidiano funcional. As imagens são viscerais e físicas: descrições de Hyde, trôpego, grotesco, ressaltam sua selvageria em oposição ao controle racional.

Uso de linguagem funcional misturada a vozes diversas: o discurso jurídico de Utterson, que é sombrio e formal; o relato de Lanyon é brutal e impressionista; a confissão de Jekyll é reflexiva e carregada de culpa. Até os ambientes são simbólicos: a casa de Jekyll (frente respeitável, porão sombrio ligado a Hyde) ecoa o estado mental do protagonista.

PERSONAGENS: Em *O Médico e o Monstro*, além dos óbvios dr. Jekyll e sr. Hyde, temos outros personagens que auxiliam a desvendar os mistérios que os envolvem.

DR. HENRY JEKYLL – Um respeitável médico e cientista londrino, representa a persona socialmente aceita, a racionalidade e o autocontrole vitoriano. É curioso e ousado, movido pelo desejo de explorar os limites da natureza humana. Porém, essa busca pela separação entre bem e mal dentro de si o leva à sua queda. Jekyll encarna a tensão entre moralidade rígida e impulsos reprimidos, simbolizando a luta interna entre a ordem social e os instintos.

EDWARD HYDE – A manifestação do lado obscuro e reprimido de Jekyll, Hyde é violento, grotesco e amoral. Ele atua sem restrições, encarnando o mal livre das amarras da sociedade. Sua aparência física — pequena e deformada — reforça o contraste com a imagem pública de Jekyll. Hyde é o símbolo da sombra junguiana, aquela parte oculta do ser que rejeita normas e é fonte dos instintos mais primitivos.

GABRIEL JOHN UTTERSON – Advogado e amigo fiel de Jekyll, Utterson é a figura do observador racional e cauteloso, tentando entender os mistérios que cercam seu amigo. Ele representa o olhar da sociedade vitoriana, preocupado com a reputação e o decoro, mas também é a chave para a revelação gradual do segredo. Sua postura discreta e lógica contrapõe-se ao caos representado por Hyde.

DR. HASTIE LANYON – Colega médico e antigo amigo de Jekyll, Lanyon é um homem prático e cético em relação às especulações científicas ousadas de Jekyll. Seu choque diante da verdade sobre Hyde representa o embate entre ciência tradicional e os avanços perturbadores. Lanyon serve como um contraponto crítico e cético à ambição científica de Jekyll.

POOLE – O leal serviçal de Jekyll, fiel e preocupado com o bem-estar de seu patrão. Poole percebe as mudanças estranhas e o clima crescente de terror na casa, e sua ação é fundamental para o clímax da história. Representa a voz do senso comum e do mundo exterior, tocando o íntimo da casa do médico.

ADAPTAÇÕES DA OBRA

O Médico e o Monstro teve mais de cem versões para tela, desde curtas mudos até longas e séries, por todo o século XX e XXI, demonstrando a força que a história ainda exerce. Entre as principais adaptações diretas, indiretas ou inspiradas em *Dr. Jekyll e Sr. Hyde* destacam-se:

1887 – Peça em quatro atos de Thomas Russell Sullivan, e eternizada por Richard Mansfield; circulou por 20 anos.

1888 – Adaptação de John McKinney e Daniel Bandmann, estreada em Niblo's Garden, Broadway.

1990-91 – Musical de Frank Wildhorn (*Jekyll & Hyde*) e peça de David Edgar para a Royal Shakespeare Company.

2001 – Jogo de aventura para Windows *Jekyll & Hyde*, da Cryo Interactive, baseado livremente na trama original.

2009-13 – Adaptações por Jeffrey Hatcher, experimentações no festival Edinburgh Fringe e versões com protagonista feminina.

2022 – Produção da Sydney Theatre Company dirigida por Kip Williams, elogiada por unir performances ao vivo com projeções pré-gravadas.

A adaptação mais conhecida de *O Médico e o Monstro* para o cinema é o filme de 1931 estrelado por Fredric March, cuja interpretação dupla lhe conferia a estatuetta de Melhor Ator. O filme permanece como uma das versões mais elogiadas e influentes da obra. Vale ainda destacar a versão com Christopher Lee, em 1960, e a

mais recente — até então —, estrelada por Dougray Scott, em 2008. No universo dos jogos que adaptaram a história incluem *Vampire: The Masquerade – Bloodlines* (2004) e *The Incredible Adventures of Van Helsing* (2013). Ambos os jogos têm personagens inspirados em Jekyll e Hyde, bem como elementos da história de dualidade humana. Em 2003, teve um projeto ambicioso, mas que não foi muito bem aceito pela crítica que trazia intertextualidade radical, uma “liga” de personagens literários imortalizados como arquétipos — *A Liga Extraordinária*: nele encontramos um Jekyll & Hyde, um pouco diferente, buscando uma certa redenção.

Na TV, a história de Jekyll e Hyde inspirou séries como *Penny Dreadful* e *Jekyll*, ambas exibidas nos anos 2000. Na música, a obra influenciou bandas como Iron Maiden, que lançou a música *Drifter* baseada na história de Jekyll e Hyde.

BRASIL: A obra contou com uma montagem nacional no Teatro Arthur Azevedo (SP), em 2018. Roberto Cordovani estrelou a montagem baseada na versão de Lisboa, interpretando oito personagens, incluindo Jekyll e Hyde.





CONVITE

Agora que você conhece os meandros por trás da escrita de *O Médico e o Monstro: O Estranho Caso do Dr. Jekyll e o Sr. Hyde*, pode até mesmo se considerar um *expert*. Por isso, o convito a encontrar um cantinho agradável, onde se sinta seguro, com a sua caneca preferida — seja de chá, café ou chocolate — e mergulhar nas sombras desta história aterrorizante.

BOA LEITURA!

CRONOLOGIA



CRONOLOGIA

1850

Em 13 de novembro, nasce Robert Louis Balfour Stevenson, em Edimburgo, Escócia. Filho do engenheiro civil Thomas Stevenson e de Margaret Isabella Balfour, cresceu em uma família presbiteriana tradicional.

1875

Forma-se em Direito, mas nunca exerce a profissão. Nessa época, começa a publicar ensaios, críticas e contos em periódicos literários, revelando seu talento para a escrita.

1878

Publica *An Inland Voyage*, primeiro livro de relatos de viagem. A obra marca sua estreia oficial no meio literário e reflete seu espírito aventureiro e sua prosa elegante.

1867

Ingressa na Universidade de Edimburgo com o intuito de seguir a carreira de engenheiro, como o pai. No entanto, logo abandona o curso para estudar Direito, embora já demonstrasse forte inclinação para a literatura.

1876

Conhece Fanny Osbourne, uma americana separada e mãe de dois filhos, por quem se apaixona profundamente. Essa relação causaria escândalo nos círculos sociais da época.

1880

Casa-se com Fanny Osbourne, após segui-la até os Estados Unidos. O casal se instala na Califórnia por um breve período antes de retornar à Europa.

1883

Publica *A Ilha do Tesouro*, seu primeiro grande sucesso de vendas. O livro se torna um clássico da literatura juvenil e consolida seu nome no cenário literário.

1887

Com a saúde cada vez mais frágil por conta da tuberculose, Stevenson parte com a família rumo ao sul da França e, mais tarde, aos Estados Unidos, em busca de clima mais favorável.

1890

Estabelece-se definitivamente em Upolu, nas Ilhas Samoa, onde constrói sua residência, chamada *Vailima*. Torna-se uma figura respeitada entre os samoanos, que o chamavam de *Tusitala* ("contador de histórias").

1886

Publica *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, romance gótico que aborda a dualidade da natureza humana. A obra tem enorme impacto cultural e é considerada um marco da literatura fantástica.

1888

Inicia uma longa viagem pelo Pacífico Sul com a esposa e o enteado. Essa jornada daria origem a diversos escritos de viagem e ao seu contato com a cultura samoana.

1894

Em 3 de dezembro, morre subitamente de um derrame cerebral, aos 44 anos, em sua casa em Samoa. Foi enterrado no topo do monte Vaea, com vista para o mar, conforme seu desejo.



PARTÉ 1



A HISTÓRIA DA PORTA

O sr. Utterson, advogado, era um homem de semblante sério, que nunca era suavizado por um sorriso. Suas palavras eram frias, breves e tímidas. Evitava demonstrar sentimentos. Era esbelto, alto, direto, sombrio e, ainda assim, amável. Em reuniões amistosas, e quando o vinho estava do seu agrado, algo eminentemente humano resplandecia em seus olhos, algo que, de fato, jamais se refletia em seu discurso, mas que se manifestava não apenas nesses símbolos silenciosos do semblante pós-jantar, mas com mais frequência e intensidade em seus atos de vida. Ele era rígido consigo mesmo; bebia gim quando se encontrava sozinho para mortificar seu desejo por vinhos vintage; e embora gostasse do teatro, já não cruzava as portas de um há vinte anos. Mas ele demonstrava uma notável tolerância com os outros, divagando, às vezes, quase com inveja, sobre a alta pressão dos espíritos que os levava a cometer más ações e, em qualquer medida, estava mais inclinado a ajudar em vez de reprovar. “Tendo para a heresia de Caim”, costumava dizer, estranhamente. “Deixei meu irmão ir para o diabo do seu próprio jeito.” Por conta desse traço de caráter, muitas vezes era o último conhecido de renome e a última boa influência na vida de homens em declínio. E no caso desses, contanto que viessem aos seus aposentos, ele não demonstrava a menor mudança em seu comportamento.

Sem dúvida, esse feito era fácil para o sr. Utterson, pois ele era discreto por natureza, e mesmo suas amizades pareciam fundamentadas em uma espécie de benevolência universal. É a marca de um homem modesto aceitar que seu círculo de amigos seja formado pelas mãos do acaso, e assim aconteceu com o advogado. Seus amigos incluíam aqueles

de seu próprio sangue ou que conhecia há mais tempo. Suas afeições, como uma hera, cresciam com o tempo, deixando de indicar qualquer aptidão quanto ao tema. Isso, sem dúvida, nos leva ao laço que o unia ao sr. Richard Enfield, seu parente distante, um homem bem conhecido na cidade. Para muitos, o que esses dois poderiam ver um no outro, ou que assunto poderiam ter em comum, era uma quebra-cabeça difícil de montar. Aqueles que os encontravam em suas caminhadas dominicais relatavam que eles não diziam nada, pareciam bem entediados e recebiam com um óbvio alívio o surgimento de um amigo. Mesmo assim, os dois homens davam bastante importância a essas excursões, considerando-as o ápice de cada semana, não só deixando de lado outras ocasiões de lazer, mas até resistindo a ligações de negócios para que pudessem aproveitá-las sem interrupção.

Aconteceu, em uma dessas perambulações, que seu caminho os conduziu por uma rua secundária em um bairro movimentado de Londres. A rua era pequena e considerada tranquila, mas sediava um comércio próspero nos dias de semana. Os moradores aparentemente estavam indo bem, mas queriam melhorar ainda mais, investindo seus lucros em coqueteria. Assim, as fachadas ao longo da via tinham um ar convidativo, como filas de vendedoras sorridentes. Até aos domingos, ao ocultar seus charmes mais vistosos e ficarem praticamente vazias, as ruas brilhavam em contraste com o bairro desmazelado, como uma fogueira na floresta, e com suas venezianas recém-pintadas, metais bem polidos, limpeza geral e alegria notável, chamava instantaneamente a atenção e agradava os transeuntes.

A duas portas em uma esquina, à esquerda de quem segue para o leste, a linha das construções era interrompida pela entrada de um pátio, e bem nesse ponto, certo prédio fazia avançar sua empena em direção à rua. Ele tinha dois andares e não tinha janelas, nada além de uma porta no térreo e de uma parede desbotada no primeiro andar que se parecia com uma testa chapada, e ele refletia todas as marcas de uma negligência prolongada e sórdida. A porta, que não tinha nem sino ou aldrava, estava empenada e manchada. Vadios sentavam-se no recuo da porta e jogavam fósforos nos painéis; crianças vendiam coisas nos degraus; meninos em idade escolar testaram seus canivetes